



## A SUBJETIVIDADE DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA: O SENTIDO DAS AÇÕES CRIATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA<sup>1</sup>

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3403

Maria de Fátima Magalhães Mariani, IESPLAN

### Resumo

História como disciplina de ensino favorece possibilidades criativas nas relações pedagógicas. O uso de novas linguagens vem fazendo parte das estratégias pedagógicas na tentativa de tornar as aulas de história mais prazerosas e interessantes para os alunos. A trajetória no campo da psicologia e da educação foi o que motivou este estudo. A pesquisa analisou as configurações criativas do trabalho docente numa perspectiva histórico-cultural de subjetividade, maneiras que o professor cria para tornar suas aulas mais atrativas e o impacto desse processo nas relações com o aluno. O sujeito foi um professor de história, de uma escola de ensino fundamental da rede pública de Brasília-DF. A estratégia metodológica baseou-se nos princípios da epistemologia qualitativa, nas dinâmicas de conversação e no completamento de frases. Na análise de conteúdo foram selecionadas as configurações subjetivas que participam das relações pedagógicas. Os núcleos de sentido subjetivo enfatizados foram o compromisso profissional, valorização do conhecimento, busca de qualidade das aulas, maneiras de controlar o estresse da rotina laboral e de desenvolver as relações interpessoais. As relações pedagógicas se configuram ora prazerosas, ora conflituosas e indicam a participação das condições multiculturais nas significações subjetivas. A pesquisa permitiu aprofundar a compreensão dos processos de subjetivação nas relações pedagógicas e, também, vem contribuir no processo de formação docente continuada. Torna-se relevante desenvolver pesquisas interventivas que venham contribuir no processo de formação docente e na produção do conhecimento acerca das implicações das ações criativas no ambiente escolar.

### Palavras Chave:

Criatividade; Sentido subjetivo; Ensino de história.

<sup>1</sup> Pesquisa derivada de monografia de graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília, ano de 2011, realizada pela autora, tendo como seu orientador Prof. Dr. Fernando L. González Rey.

## Introdução

A importância do estudo da criatividade no contexto escolar pode estar associada ao acelerado ritmo das transformações socioculturais, tecnológicas e ecológicas no nível global. Cada vez mais se demandam posturas educativas capazes de contribuir com o desenvolvimento dos alunos como sujeitos conscientes, construtores de conhecimento, críticos, conhecedores da realidade na qual estão inseridos (ALENCAR, 2003; LUBART, 2007; MARIANI & ALENCAR, 2005).

Ao se falar de avanços tecnológicos no contexto escolar pensa-se logo no incremento dos recursos didáticos. Entretanto, esses por si só não geram uma boa aula, mas sim o que o professor “fabrica” com eles, no sentido de produzir mediações nas relações pedagógicas. Nas lições sobre as maneiras de fazer do cotidiano de Michel de Certeau essa seria uma forma criativa de burlar ou subverter uma ordem. As pessoas no seu cotidiano inventam formas de intervir ou de subverter campos de regulação, introduzindo maneiras de tirar partido das forças reguladoras (De Certeau, 1996).

Na nossa pesquisa de criatividade com professores de história, alguns professores evidenciaram essa dificuldade com os recursos audiovisuais. O que previa tornar uma aula interessante, prazerosa e consequente passava inadvertido, “virava bagunça”. Sobre essa experiência segue o relato de uma professora:

Até procuro fazer coisas diferentes nas minhas turmas, mas às vezes fico chateada. As aulas com vídeo, eles [os alunos] podiam gostar. Mas vira bagunça. Tem aluno que sai da sala fica andando pelo pátio; tem umas meninas que se amontoam num canto conversando sobre outras coisas. A gente se desgasta muito (MARIANI, 2001, registros de pesquisa. Grifo nosso).

No ensino de história, o projeto pedagógico criativo deve favorecer a “inclusão histórica”, trazer a história para perto do aluno. Tendo a percepção de que é integrante do processo histórico o aluno terá mais vontade de interagir com personagens históricos concretos e acontecimentos, não como uma coisa externa e distante, mas como uma prática que lhe faz sentir qualificado e inclinado a desenvolver. (PINSKY & PINSKY, 2004).

Além dos recursos que a disciplina oferece há os atributos da personalidade. As habilidades comunicativas são um importante recurso da ação criativa do professor. Além da “maestria pedagógica” que auxilia na transmissão do conhecimento, o professor deve desenvolver, a partir de sua sensibilidade, valores e motivações, um sistema de comunicação que tenha desdobramentos mais efetivos e não só no momento da aula. (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2002: 196).

No presente estudo, procuramos enfatizar as configurações subjetivas que participam da expressão criativa do professor de história, interpretando-as como sentido subjetivo. Ancoramos na perspectiva histórico-cultural de subjetividade que enfatiza a capacidade da pessoa desenvolver processos simbólicos emocionais no decorrer da história de vida, nas relações que vão sendo produzidas nos diferentes contextos dos quais participa e atua (GONZÁLEZ REY, 2005).

Nessa perspectiva, criatividade se define “como um processo sistêmico, complexo, multifacetado e heterogêneo, com diferentes formas e níveis de expressão”. A expressão da criatividade depende de condições materiais, pessoais, socioculturais e psicológicas. (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2002:190).

A grande contribuição para compreensão da criatividade neste contexto dos processos simbólicos vem dos estudos de Lev Vigotsky. O autor

destaca duas categorias como fundamentais na expressão da criatividade: a emoção e a comunicação. Enquanto a emoção se expressa na atividade artística, o pensamento criativo não pode ser captado, a não ser quando este se concretiza na ação. Nesse processo, a linguagem, a escolaridade, as relações sociais, saberes e experiências, qualidades produzidas no curso da história de vida dos sujeitos são extremamente importantes (VIGOTSKY, 2011).

A imaginação criadora se transforma e adquire características específicas na trajetória histórico social da pessoa. Vigotsky (2011) traz o exemplo do adolescente que cria um mundo interno específico e o expressa nas manifestações criativas na forma de versos, composições e narrativas. Mas isso se torna possível à medida que o jovem amplia e aprofunda suas vivências subjetivas, a partir das percepções, das observações do mundo, das relações que vão sendo produzidas nos diversos contextos com os quais se relaciona e participa. Importa ressaltar que Vigotsky não emprega o termo subjetivo em seus escritos. Segundo González Rey (2011), a ideia de “produção psíquica subjetiva” e de “subjetividade” aparece de forma implícita nos trabalhos do autor.

Outra categoria trazida por Vigotsky (2011) no desenvolvimento do potencial criador se refere à vontade, esforço que a pessoa precisa fazer na obtenção do que busca realizar. Não se chega a uma atividade criadora só pelo ato imaginado. Fundamental nesse processo é a consciência do sujeito quanto à intencionalidade, observações contextuais, comunicação, mobilização de recursos materiais que na integração com os componentes subjetivos tornam o processo criativo uma característica do desenvolvimento humano.

Sendo assim, nos estudos de criatividade é possível levantar certas características que são comuns aos seres humanos no desenvolvimento de uma atividade criadora. Contudo, tais

características são extremamente variáveis em cada sujeito, não podendo ser analisadas sem que se leve em conta a historicidade dos sistemas de sentido subjetivo que a pessoa expressa nas suas práticas e processos emocionais.

As configurações subjetivas se constituem quando os sentidos subjetivos passam a ter um caráter autogerador de um tipo particular de processo psíquico, que se torna dominante com relação a outros processos psíquicos. As configurações subjetivas são produzidas em um campo definido de atividade ou relação humana. Por esta perspectiva, o cotidiano escolar se configura como “zona de subjetivação” (GONZÁLEZ REY, 2007).

Foi a essa temática que nos dirigimos na nossa pesquisa e relatamos neste artigo. O nosso objetivo é compreender o impacto da subjetividade nas possibilidades criativas de um professor de história, tendo como cenário uma escola de ensino fundamental da rede pública de Brasília. O ambiente a que nos referimos está fortemente vinculado a nossa experiência docente, bem como à nossa formação na área de História e Psicologia.

### **Aspectos metodológicos**

A estratégia metodológica baseou-se nos princípios da epistemologia qualitativa cuja relevância é o processo construtivo-interpretativo do material colhido na pesquisa. Ao pesquisador cabe se posicionar em cada momento empírico e organizar as informações em unidades teóricas ou “síntese teórica”. Nesse processo as representações do pesquisador vão sendo ressignificadas, criando possibilidades de construção de novas ideias. (GONZÁLEZ REY, 2005).

A entrevista semiestruturada, a conversação e o completamento de frases foram os instrumentos utilizados. A observação no ambiente de pesquisa, conversas informais na hora do recreio e

troca de e-mails foram fundamentais na criação do vínculo com o sujeito da pesquisa.

Na análise de conteúdo ou processo construtivo-interpretativo foram enfatizados aspectos simbólicos emocionais expressos pelo professor de história acerca de suas vivências no ambiente escolar, suas experiências na sala de aula na relação com os alunos, sentimentos e expectativas com relação à profissão, características pessoais, tais como, alegrias e/ou tristezas, escolhas e gostos.

**Discussão e resultados**

De posse do conteúdo captado nas observações do cotidiano escolar e das informações obtidas por meio do completamento de frases e conversação, seguiu-se o momento da organização da síntese teórica. Neste processo foi permitido fazer inferências e levantar hipóteses acerca das configurações de sentido do sujeito de pesquisa na sua prática pedagógica ou núcleos de sentido subjetivo. Pela sua relevância foram selecionados seis núcleos de sentido subjetivo, ilustrados no QUADRO 1, a seguir.

Quadro 1 - Configurações subjetivas do fazer docente com base na interpretação do conteúdo gerado na observação e nos instrumentos de pesquisa.

Núcleos de sentido subjetivo	Indicadores informativos (contextuais)
1. Profissão e realização pessoal (satisfação pelo que faz)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Ensinar é minha profissão.</i></li> <li>▪ <i>Na sala de aula me realizo dando aulas.</i></li> <li>▪ <i>A minha melhor vivência ser elogiado sinceramente após quatro anos de trabalho com o aluno.</i></li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Ser professor é (ainda) uma das melhores profissões do mundo.</i></li> <li>▪ <i>A minha melhor escolha foi demitir-me de um emprego que não me trazia prazer (economiário).</i></li> </ul>
2. Limitações nas relações de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Os meus colegas de trabalho os vejo muitos desmotivados, desinteressados e desunidos.</i></li> <li>▪ <i>Muitos ainda cansados com a grande carga de trabalho. Preocupo-me com a falta de perspectiva (positiva) para a carreira docente.</i></li> <li>▪ <i>Limitações para mim salários baixos e falta de reconhecimento social do trabalho docente.</i></li> </ul>
3. Sentimento ao ser valorizado no ambiente de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>O meu espaço de trabalho um lugar que me remonta a satisfação.</i></li> <li>▪ <i>Onde gostaria de estar: aqui, em um lugar atrativo e, sobretudo, acarinhado.</i></li> <li>▪ <i>Nesta escola tenho algo muito importante, liberdade de trabalho. Também tenho uma orientação</i></li> </ul>

	<i>efetiva e bem preparada.</i>
4. Investir no conhecimento pela realização profissional e pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>No futuro fazer meu mestrado.</i></li> <li>▪ <i>Se... não tivesse passado no concurso da rede, estaria (talvez) trabalhando com produção de vídeo, organização de eventos que eu gosto.</i></li> <li>▪ <i>Farei o possível para entrar no mestrado.</i></li> <li>▪ <i>Os meus estudos é uma parte essencial para minha vida e meu trabalho.</i></li> <li>▪ <i>Farei o possível para conseguir um salário melhor.</i></li> </ul>
5. O aluno ideal (dos sonhos)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>O aluno ideal crítico, empenhado, criativo. A minha melhor vivência ver os olhos dos alunos brilharem após uma boa aula.</i></li> <li>▪ <i>Quando penso no aluno vejo seres em formação que certamente serão melhores que a minha geração.</i></li> </ul>
6. O ambiente para a aula	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>Inventar uma "performance" manter uma boa relação com os alunos.</i></li> <li>▪ <i>Construir um contrato de</i></li> </ul>

	<p><i>convivência junto com os alunos.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>A disciplina é fundamental para uma boa aula.</i></li> </ul>
--	---

Nesse processo construtivo-interpretativo foi possível identificar elementos subjetivos relacionados com o gosto pela profissão e a satisfação de se tornar professor. Ainda que intencionalmente, o professor traz essa representação nos diferentes instrumentos utilizados, ou seja, no complemento de frase e na conversação.

O primeiro núcleo de sentido subjetivo é enriquecido com o conteúdo da conversação que acrescenta elementos novos, tais como a família interferindo na escolha profissional. Então inferimos que o sentido subjetivo configura-se no sentimento de ser aceito e valorizado numa carreira que subverte a tradição familiar de preferir carreiras "promissoras", a exemplo da jurídica. Ser professor não confere o mesmo *status* de ser advogado na nossa cultura, aspecto intimamente ligado à subjetividade social.

Algumas famílias preferem que seus filhos sejam advogados ou médicos pela representação social de que essas profissões simbolizam um futuro promissor e garantia de *status* na sociedade. Ilustramos com isso que a configuração subjetiva dos aspectos que estamos a analisar é uma expressão das relações recorrentes de diferentes contextos de atuação do professor, participante de nossa pesquisa.

A configuração subjetiva da escolha da profissão integrada à realização pessoal é mediada por elementos das relações dentro da família, elementos gerais das relações grupais e do próprio posicionamento do sujeito frente às suas expectativas, sonhos, desejos, crenças e vontades.

Desde a escolha da profissão já se configura uma relação de enfrentamentos com a família, situação contornada com o processo de profissionalização. Assim também parece ser no exercício da profissão quando nas relações de trabalho se depara com questões que lhe causam inquietações. Isso está configurado no segundo núcleo de sentido subjetivo.

A partir da hipótese do sentimento de reconhecimento profissional e realização pessoal enfatizamos que a condição de sujeito do professor é fator relevante no processo que o identifica como criativo, responsável, comprometido com o que faz. O ambiente de trabalho que descreve seria pouco promissor à criatividade docente se pensarmos o processo criativo como algo estático, regido por princípios universais. Ao contrário, a criatividade se expressa no movimento das configurações subjetivas que por vezes aparecem diferenciadas em seus sentidos no conjunto das frases analisadas.

A característica dinâmica das configurações de sentido subjetivo se expressa na retomada do sentimento de valorização tendo as relações de trabalho como fator favorável. No terceiro núcleo de sentido subjetivo o professor expressa que o ambiente da escola é receptivo às suas práticas, servindo de estímulo para a sua boa atuação. Também reconhece que trabalhar na escola lhe dá prazer, diferenciando de outras situações vividas.

Na conversação o professor relatou que se sente “privilegiado” em relação a seus colegas por estar numa escola que coloca à sua “disposição uma estrutura” para a realização de suas aulas. A receptividade no ambiente de trabalho talvez esteja associada à desenvoltura ao relacionar-se com os colegas e alunos.

Na contextualização das possibilidades criativas observamos um professor bastante comunicativo e atento às questões da escola. Enquanto nossa permanência no ambiente escolar o

professor foi responsável pela organização de uma gincana cultural e de um passeio com os alunos ao zoológico. Era sempre solicitado no suporte da sala de informática e mecanografia. A emoção, comunicação, a intencionalidade e o esforço despendido na busca do que se deseja realizar são aspectos, que segundo Vigotsky (2011), tem papel fundamental no processo criativo.

A significação do saber e a possibilidade de atuar em outra área configuram-se a condição de valorização pessoal, qualificação profissional e investimento nas condições de vida. Esses elementos constituem o quarto núcleo de sentido subjetivo. Nessa perspectiva a formação psicanalítica vem contribuir com as ideias de Winnicott em relação ao processo criativo, destacando a capacidade do sujeito de transcender e fazer transformações com base nas experiências construídas na sua trajetória de vida (SICCONE, 2013).

O quinto núcleo de sentido subjetivo configura o desenho do discípulo dos sonhos. Hábitos de conduta, dedicação aos estudos e reconhecimento do trabalho do professor são características do aluno ideal. Tais componentes se constituem por influência do professor, como parte do seu “jeito de ser”. A representação do bom aluno está associada ao que o professor idealiza e se esforça por ensinar aos alunos “as regras de conduta”. No completamento de frases aparecem associações do aluno com ordem, atenção, polidez, comprometimento, criatividade, posicionamento crítico, maiores oportunidades futuras.

A abertura à inovação representa uma possibilidade de o professor apropriar-se de estratégias e técnicas que favorecem sua ação criativa (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2002). O sexto núcleo de sentido expressa um professor preocupado com a disciplina na sala de aula, aspecto que associamos com responsabilidade e compromisso no

exercício da função. O que pode estar relacionado com o modo de construir suas relações em outros contextos, como ambiente acadêmico, no grupo social e na família, indutores explícitos na dinâmica de conversação. Para González Rey (2007) as manifestações que nos diferenciam como pessoas formam núcleos de sentidos subjetivos produzidos nos diferentes cenários de nossa trajetória histórica.

O desejo de os alunos adaptarem à sua “performance”, ao seu “jeito de ser” em outro momento da conversação reaparece na relevância que o professor dar à disciplina da turma. A disciplina é apresentada como condição favorável à qualidade da aula e uma boa relação com o aluno ajuda a evitar o desgaste e o estresse. As interferências frequentes da diretora na sala de aula tira a autoridade do professor. Destarte o professor deseja ter alunos cumpridores de seus deveres e conscientes de seus direitos e fez referências a regras e normas de conduta. *“Uma regrinha nossa é que todos estejam dentro da sala quando eu chegar”*, pontuou na conversação.

A organização de núcleos de sentido buscou facilitar a compreensão do leitor, sem querer caracterizar situações estanques ou separadas. Ao contrário, no exercício de rememorar momentos da formação e profissionalização, da experiência em outras áreas profissionais e em contextos diferentes, as relações com a família, o sujeito da pesquisa mais do que desenhar um perfil, nos mostra que todos esses momentos estão integrados e corroboram com sua atuação docente.

O processo de observação focou mais os estudantes na relação com o professor atividades propostas. Eventos como passeio na quadra, “Hora da verdade” e “A caixa da História” tinham por justificativa contribuir na compreensão dos conteúdos estudados. Já no processo interpretativo é possível inferir a emergência de sentidos subjetivos associados à flexibilidade, à inovação, à

busca de qualidade das aulas e uma forma de controlar o estresse pela rotina laboral.

Nesses eventos foi possível perceber a dificuldade do professor para articular ações coletivas com as individuais. No evento “Hora da Verdade” em roda aberta de diálogo, um aluno reincidente nas advertências sinalizou o desejo de opinar e não foi atendido pelo professor. A situação foi interpretada pelo docente “alheia ao problema” que estava sendo tratado. Isso pode expressar uma visão estática e homogênea de o sujeito se manifestar sempre da mesma forma, ou seja, se ao levantar a mão o aluno pede para ir ao banheiro ao invés de dar uma opinião, o professor entende tratar-se de uma relação idêntica em outras ocasiões.

Em outros momentos, o professor participante da pesquisa mostrou-se mais preocupado de saber o que se passava com determinados alunos, sentando-se com eles e dando uma atenção mais individualizada. Isso ocorreu no pátio da escola e nos trabalhos de grupo. O professor enfatizou que as atividades em grupo favorecem a descoberta de algumas características presentes em determinados alunos. A tendência de os grupos de trabalho ser formados “por afinidades” ficava mais explícita, bem como aqueles que se isolavam e desenvolviam suas tarefas individualmente.

### **Considerações finais**

Como fontes de subjetivação as relações pedagógicas representam possibilidades diversificadas no desenvolvimento da criatividade do professor. Ações que se configuram como criativas, às vezes, deixam de levar em conta potencialidades significativas para o aluno. Outras, de forma inadvertida, vão além dos objetivos para os quais foram programadas. Isso vem demonstrar o jogo de sentidos subjetivos que são produzidos a partir das emoções de cada pessoa envolvida nas ações.

As relações pedagógicas configuram a realidade social, mostrando a participação das condições multiculturais no processo de desenvolvimento do aluno, o qual atribui a essa realidade significações subjetivas. Nesse cenário se constitui a subjetividade individual do professor na sua ação docente, conferindo-lhe certas características que se configuram como um professor de história interessado, comprometido com a profissão, empenhado em conseguir um ambiente favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento de seus alunos.

A pesquisa aponta também para a importância da análise documental de projetos pedagógicos, manuais, relatórios, planos de aulas e currículos, instrumentos que, a nosso ver, geram cenários de subjetivação. São espaços de relações pedagógicas e demandam emocionalidade que cria possibilidades criativas. Os testemunhos de alunos, professores e demais profissionais da educação podem revelar processos simbólicos emocionais configurados nas “burlas”, interpretações, maneiras que os tornam participantes do processo histórico cultural.

## Referências

- ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. São Paulo: Vozes, 1996.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomsom, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thompson, 2007.
- \_\_\_\_\_. **El pensamiento de Vigotsky: contradicciones, desdoblamientos y desarrollo**. México: Trillas, 2011.
- LUBART, T. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MARIANI, M. de Fátima M. **Criatividade e trabalho pedagógico: limites e possibilidades na expressão da criatividade do professor de História**. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2001.
- MARANI, M. de F. M. & Alencar, E. M. S. Criatividade no trabalho docente segundo professores de história: limites e possibilidades. **Psicologia Escolar e Educacional, Campinas**, v. 9, n. 1, p. 27-35, 2005.
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, Personalidade e educação**. Campinas: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. A criatividade na escola: três direções de trabalho. In: **Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 189-206. Brasília: UnB, 2002.
- PINSKY, J. & PINSKY, C. B. Por uma história prazerosa e consequente. Em KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula** (pp. 17-36). São Paulo: Contexto, 2004.
- SICCONE, S. D. **Criatividade na obra de D. W. Winnicott**. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUC-Campinas, 2013.
- VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2011.